

Dinheiro e magia

Uma crítica da economia moderna
à luz do *Fausto* de Goethe

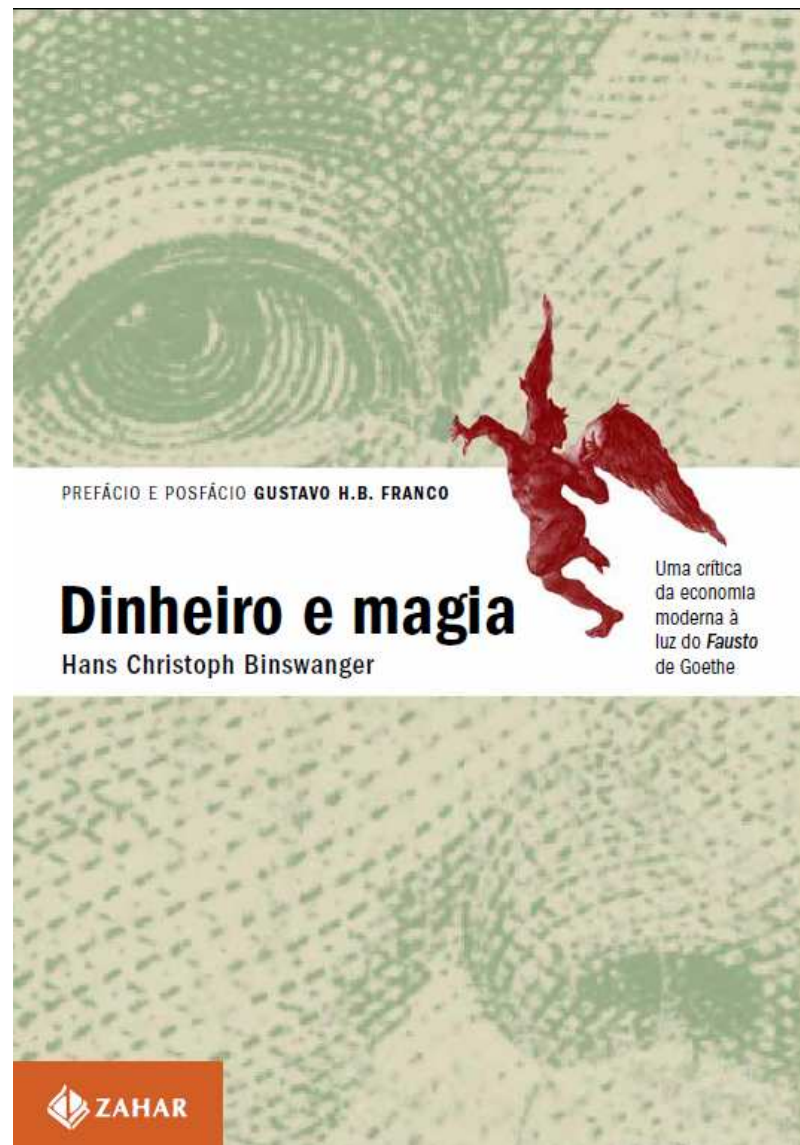
Com prefácio à edição brasileira e o posfácio
“Fausto e a tragédia do desenvolvimento brasileiro” por
Gustavo H.B. Franco

Tradução:

Maria Luiza X. de A. Borges

Tradução dos versos de Goethe:

Marcus Vinicius Mazzari



Roteiro

O livro, nosso assunto.

A “segunda parte” do Fausto de Goethe

O Fausto “original” e o trajeto da lenda.

O enredo da Era Moderna e a composição do Fausto de Goethe.

O Fausto 2 e a invenção do papel moeda e do desenvolvimento

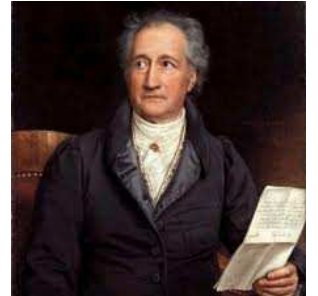
Binswanger, alquimia e a Pedra Filosofal

Mefisto, Law, Mirabeau: o papel moeda e o desenvolvimento

O desenvolvimentismo no Brasil: nosso pacto fáustico

A tragédia do desenvolvimento brasileiro

Goethe e a “segunda parte” de Fausto



Johann Wolfgang Goethe (1749-1832)

Pouca gente sabe da existência de uma segunda parte da tragédia, publicada em 1833, após a morte do poeta, e que leva o drama do erudito para o contexto social. É o assunto do livro de Binswanger.

Goethe:

“A primeira parte é quase inteiramente subjetiva. Tudo adveio, aí, de um indivíduo mais perturbado e apaixonado, num estado de semi-obscuridade que até pode fazer bem aos homens. Mas, na segunda parte, quase nada é subjetivo; aqui aparece um mundo mais elevado, mais amplo e luminoso, menos apaixonado; quem não tiver se movimentado um pouco por conta própria e vivido alguma coisa não saberá o que fazer com ela.”

Marshall Berman:

“uma das ideias mais originais e frutíferas do Fausto de Goethe diz respeito à afinidade entre o ideal cultural do autodesenvolvimento e o efetivo movimento social na direção do desenvolvimento econômico.” Em ambas, “o desenvolvimento que [Fausto] inicia – intelectual, moral, econômico, social – representa um altíssimo custo para o ser humano. Este é o sentido da relação de Fausto com o diabo: **O Fausto de Goethe é a primeira e a melhor tragédia do desenvolvimento.**”

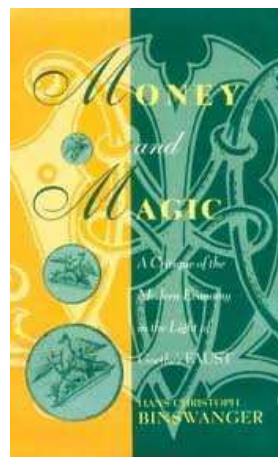
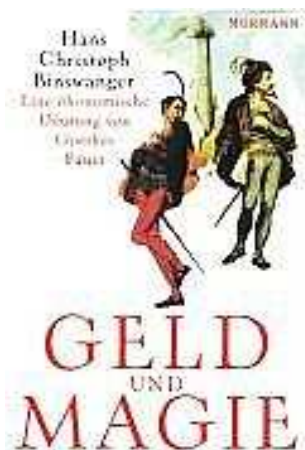


Binswanger – “Dinheiro e Magia”

A despeito da centralidade da economia na segunda parte da tragédia, o livro de Hans Christoph Binswanger, originalmente publicado em 1985, traduzido para o inglês apenas em 1994, é um dos poucos estudos escritos por economistas.

TEMA CENTRAL - “alquimia por outros meios”

Na época de Goethe, os soberanos ainda se cercavam de astrólogos e alquimistas para ajudá-los em algumas matérias de Estado. O drama de Fausto 2 se localiza exatamente no momento no qual se percebe que, mais fácil que transformar chumbo em ouro lançando mão de encantamentos, era utilizar economistas profissionais (Fausto e Mefisto) versados na organização de bancos de emissão de papel-moeda de curso forçado, dotados de algum lastro de natureza imaginária.



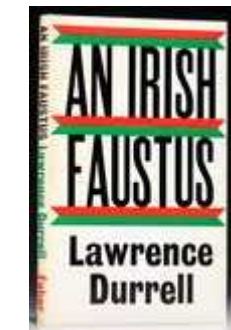
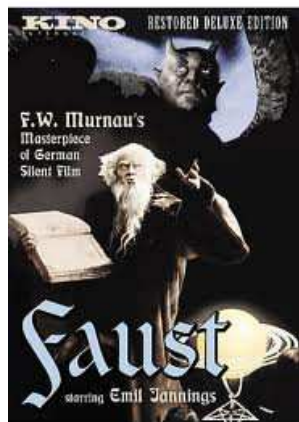
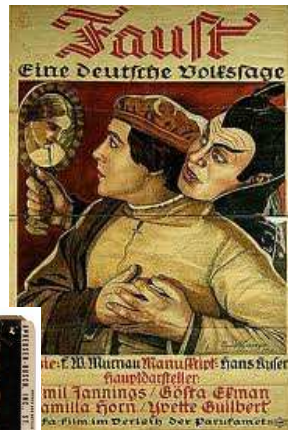
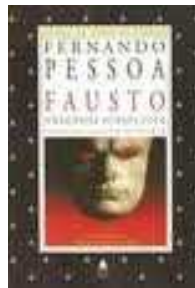
Fausto – centenas de versões

É imensa a lista de grandes nomes da literatura universal que trabalharam com o tema em diferentes contextos, incluindo Lawrence Durrell, Paul Valéry, Fernando Pessoa, Ivan Turgueniev, Lord Byron, entre centenas de outros.

Mas a pátria de Fausto sempre foi a Alemanha, onde *Fausto* é uma espécie de “Bíblia secular”.

Fausto de Goethe, imenso, “a *Ilíada* da vida moderna” ... 23 horas para encenar na íntegra.

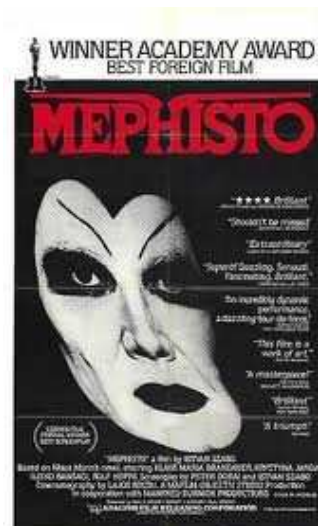
Fausto cidadão alemão. Em 1918, o filósofo Oswald Spengler, em *A Decadência do Ocidente*, oferece um resumo do significado da obra naquele momento ao falar de “um homem faustiano”, cuja “força e grandeza ... advêm da paixão pelo espaço infinito e pela vontade de potência”; com isso compôs um Fausto para essa época “bem mais nietzschiano do que goethiano”.





O Fausto de Klaus Mann

Mephisto (1936), de Klaus Mann, filho de Thomas Mann, era baseado na trajetória de seu cunhado Gustav Gründgens, um dos maiores atores e diretores de seu tempo. Um processo de 1963 foi bem sucedido em proibir o livro, mas, ainda que romanceado, ou mesmo calunioso, o livro se transformou no filme *Mephisto*, dirigido por Istvan Szabo, que seria premiado com o Oscar de melhor filme estrangeiro em 1981.

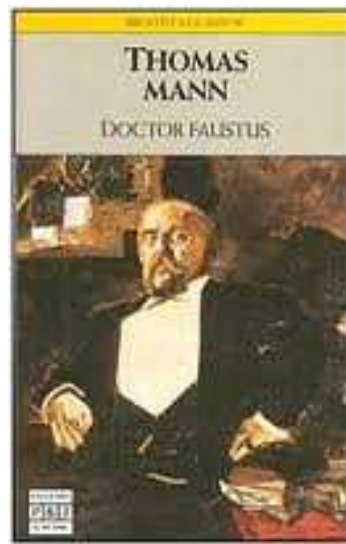


O Fausto de Thomas Mann



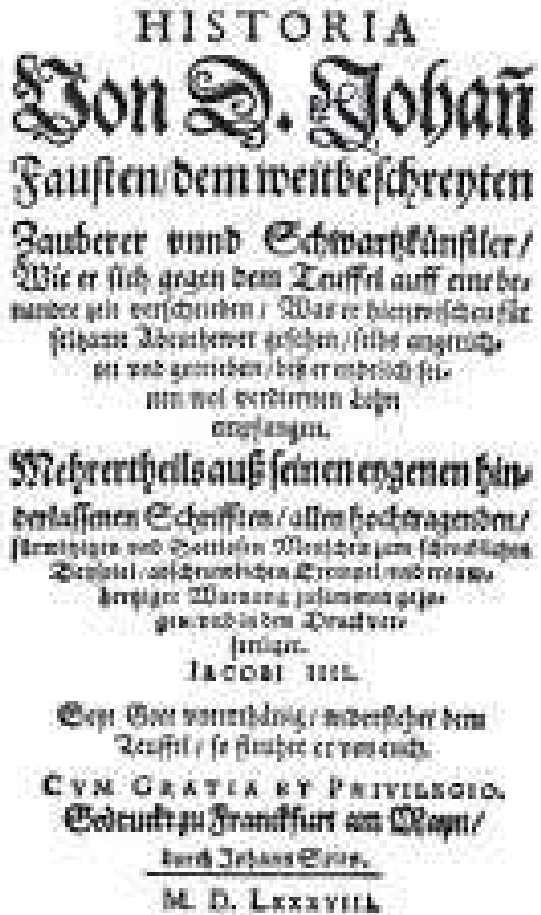
Caberia ao próprio Thomas Mann, em 1945, a tarefa de reescrever uma vez mais a lenda de Fausto de forma a capturar, na sua inteira complexidade, os dilemas da cultura alemã diante do nazismo.

Doutor Faustus: a vida do compositor alemão Adrian Leverkühn contada por um amigo, foi escrito na reta final da Segunda Guerra Mundial.



Seu Fausto é um músico angustiado, avesso à fama e ao aplauso, que negocia com Mefistófeles mais tempo para terminar sua obra. O tema central, segundo Mann: “A fuga dos percalços de uma guerra cultural por meio de um pacto com o diabo, o desejo irresistível de um intelecto orgulhoso, ameaçado pela esterilidade e pelo desbloqueio, a qualquer custo, de inibições; e também o paralelo entre a euforia perniciosa que termina em colapso e o frenético delírio nacionalista do fascismo.”

O Fausto Original e o Volksbuch (1587)



Título do Faustbuch, Frankfurt 1587

Jörg ou Johanes Faust nasceu por volta de 1480, em Knittlingen. Sua carreira como astrólogo, alquimista, quiromante e charlatão e sua morte misteriosa em 1539, criaram uma lenda.

A primeira versão manuscrita da história circulou em torno de 1570, e a segunda, de 1587, um “best-seller”, conhecido também como *Volksbuch* (“Livro popular”), cujo título era:

“Eis a HISTÓRIA de D. Johann Faust, famigerado feiticeiro e necromante; a maneira como estabeleceu acordo aprazado com o diabo; a que singulares aventuras entrementes assistiu, arranjou e provocou até que finalmente recebesse a paga merecida. Em boa parte reunida entre seus próprios escritos póstumos, impressos como que por exemplo terrível e repugnante, assim como advertência séria a todos os indivíduos arrogantes, petulantes e ateus. Sede submissos a Deus e resisti ao diabo, que assim se manterá afastado de vós.”

O Fausto de Marlowe (1592)

The Tragicall History

Of the LIFE and DEATH of
Doctor Faustus.

Printed with New Additions in a New Edition. With several
New Scenes, together with the Authors Name.

Written by C. M. MARLOWE.



Printed by G. G. for J. W. at the Bible and Court Printing Office, 1616.



Christopher (Kit) Marlowe (1564-93): em 1592, sua versão do mito, estritamente baseada no *Volksbuch*, A *trágica história da vida e morte do doutor Fausto*, foi encenada pela primeira vez.

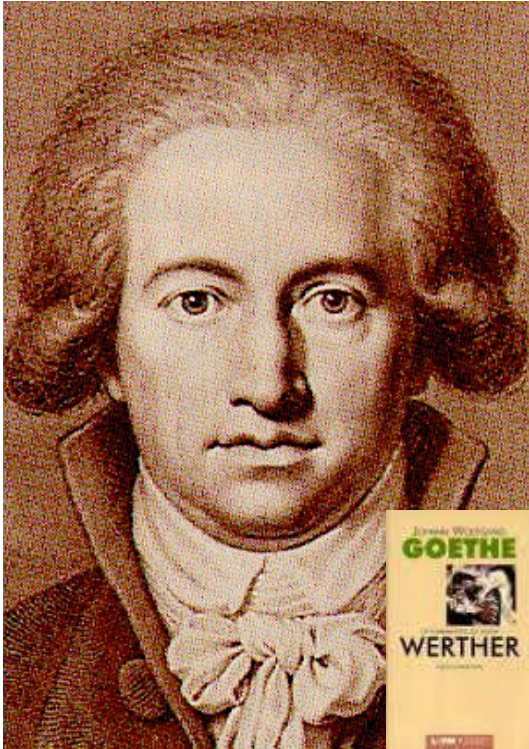
Na versão de Marlowe, Fausto é um sábio que já esgotou as fronteiras do conhecimento em medicina, filosofia, direito e teologia, e sente-se frustrado e entediado com o que esta sabedoria lhe proporciona.

Conjura o demônio e com ele assina um contrato, com seu próprio sangue, pelo qual Mefistófeles o servirá durante 24 anos, após os quais terá a alma de Fausto pela eternidade.

CHORUS (at the end):

*Faustus is gone: regard his hellish fall,
Whose fiendful fortune may exhort the wise,
Only to wonder at unlawful things,
Whose deepness doth entice such forward wits
To practice more than heavenly power permits.*

Goethe: Fausto chega ao iluminismo



Johann Wolfgang Goethe (1749-1832) já estava a caminho de se tornar um grande nome da literatura alemã em 1773-75, quando afirmou ter começado seu trabalho em torno da lenda de Fausto. Em 1774, com 25 anos, tinha publicado *Os sofrimentos do Jovem Werther* com enorme sucesso.

Já haviam se passado cerca de 170 anos desde que Marlowe celebrizara o Fausto, os tempos eram outros:

O progresso tecnológico e material nesse período talvez tenha sido maior do que o ocorrido nos mil anos anteriores.



Adam Smith estava prestes a publicar *A riqueza das nações*, com o que se assentava uma doutrina segundo a qual a soma de comportamentos egoístas e utilitários tinha como resultado o bom funcionamento dos mercados e a prosperidade das nações. “Todos os elementos da revolução burguesa estavam no ar” (Georg Lukács)

E a lenda de Fausto era assunto típico do teatro de marionetes.

Versões iniciais: Fragmento e *Urfaust*



O Fausto de Goethe foi escrito em etapas ao longo dos sessenta anos seguintes. Alguns manuscritos foram lidos e comentados por amigos, e um texto inicial foi publicado em 1790, com o título *Fausto, um fragmento*.

Cerca de um século depois, em 1887, descobriu-se uma versão bem mais elaborada do texto, resultado da cópia feita a partir de recitais na corte de Weimar em meados dos anos 1770. Esse texto ficou conhecido como *Urfaust, ou Fausto zero*, como na recente tradução para o português.

O *Fausto zero*, produzido por um Goethe em torno de 25 anos, já trazia algumas das principais novidades da versão completa da primeira parte da tragédia, que só seria publicada em 1808, conhecida como o *Fausto 1*. (@49)

A surpreendente e arrebatadora continuação, com diversos temas e enredos no terreno da economia, conhecida como *Fausto 2*, teria sido terminada apenas em 1831 (@82) e publicada em 1833.



Fausto Zero e Gretchen



As duas principais inovações do Fausto 1 já estavam no Fausto Zero. A primeira é a introdução de uma personagem feminina – Gretchen –, mulher da aldeia, pela qual o sábio se vê seduzido, logo após a evocação de Helena de Troia.

O romance com Gretchen é atrapalhado pela vida dissoluta que Fausto continuava a manter. Gretchen sente-se abandonada e, já grávida de Fausto, vê seu pequeno mundo voltar-se contra ela: Fausto volta para vê-la, mas é confrontado pelo irmão de Gretchen, Valentim, que acaba mortalmente ferido por Fausto, com a ajuda de Mefistófeles. Fausto foge, esquece o assunto, porém, um ano depois, uma visão o faz retornar, para encontrar Gretchen aprisionada à espera da execução: ela afogara o filho de sua união com Fausto e também causara a morte da própria mãe.



Diante da chance de escapar, Gretchen recusa-se a fugir, ainda mais com a ajuda de Mefistófeles, pois insiste em pagar pelos seus crimes.

Fausto 1 – um novo pacto



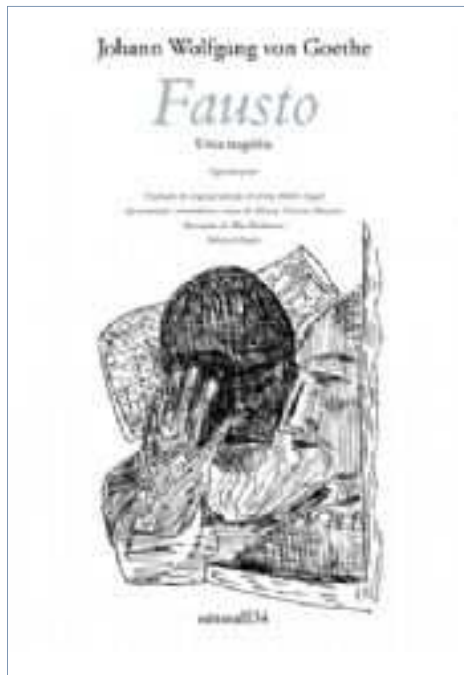
A segunda inovação tem a ver com o a natureza do pacto. Ao contrário das versões anteriores da lenda, no *Fausto 1* não há mais um prazo de validade (24 anos) para a liquidação do pacto; o novo arranjo tinha extensão indeterminada, e o pacto seria consumado apenas quando o próprio Fausto admitisse que havia chegado ao clímax de sua experiência terrena, com as seguintes palavras:



FAUSTO: E sem dó nem mora!
Se vier um dia em que ao momento
Disser: Oh, para! és tão formoso!
Então algema-me a contento,
Então pereço venturoso!
Repique o sino derradeiro,
A teu serviço ponhas fim,
Pare a hora então, caia o ponteiro,
O Tempo acabe para mim!



A mudança é de fundamental: agora a métrica do contrato passa a ser a intensidade da experiência, determinada por iniciativa de Fausto, que nunca estará satisfeito. O tema da tragédia se torna o anseio inesgotável pela realização, este o caminho por onde penetra a economia.



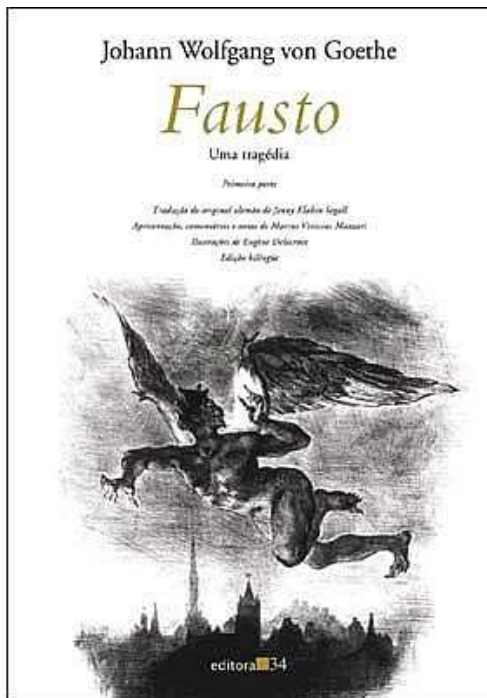
Fausto de Goethe – no final ele é salvo !

Nesses novos termos a salvação de Fausto estaria praticamente garantida na partida. Estava aí o desafio ... O público queria um herói *gauche*, e aplaudia Mefisto ... Não se condenava mais a curiosidade e a realização.

Harold Bloom : “Sem se arrepender, sem ser perdoado, após uma vida inteira de ligação com o diabo, eleva-se para a salvação instantânea, como compete a um nome que significa ‘o favorecido’. É injusto, certamente não católico e não cristão em qualquer sentido ortodoxo.”

Marcos Mazzari: “apontamentos e esboços deixados por Goethe revelam sua intenção original de concluir a tragédia com o ‘Epílogo no céu’, motivado por uma espécie de recurso impetrado por Mefisto contra a ação pretensamente ilícita dos Anjos ao arrebatá-lo a alma de Fausto.”

Mas como seria a continuação ?



Fausto 2 – Ato 1 – o plano econômico

Mefisto faz-se passar pelo bobo, participa dos debates sobre a crise financeira do reino, e fala pela boca do astrólogo propondo um plano econômico mirabolante baseado na emissão e papel moeda lastreada nos tesouros escondidos pelo reino, enfrentando a descrença geral. O astrólogo usa a linguagem da alquimia para explicar a lógica do plano.





Fausto 2 – Ato 1 – o carnaval

Sem compreender o plano (parecendo possuir a memória de Law e dos *Assignats*, mas o medo dos desígnios dos astros) o rei convoca os festejos do carnaval, com seu vasto elenco de representações e alegorias da vida econômica.

Todos os valores parecem ilusórios; e o rei, fantasiado de Grande Pã, assina, sem se dar conta, as cédulas de papel moeda.





Fausto 2 – Ato 1 – no dia seguinte

A crise acabou! O chanceler lê os dizeres no papel moeda para o imperador:

O CHANCELER (*aproxima-se lentamente*):
(Lê.) “Saiba o país para os devidos fins
Este bilhete vale mil florins.
Garante a sua soma real o vulto
Do tesouro imperial no solo oculto.
Dele se extrai logo a riqueza imensa
Com que o valor do papel se compensa.”





Fausto 2 – Ato 1 – no dia seguinte

O imperador e seus ministros, incluído o astrólogo, reconhecem a mágica de seus assessores econômicos, Fausto e Mefisto. Apenas o bobo desconfia, pergunta pelas garantias, e corre para gastar os papéis pintados. Mefisto comenta: “duvide-se ainda o bobo ser esperto!”

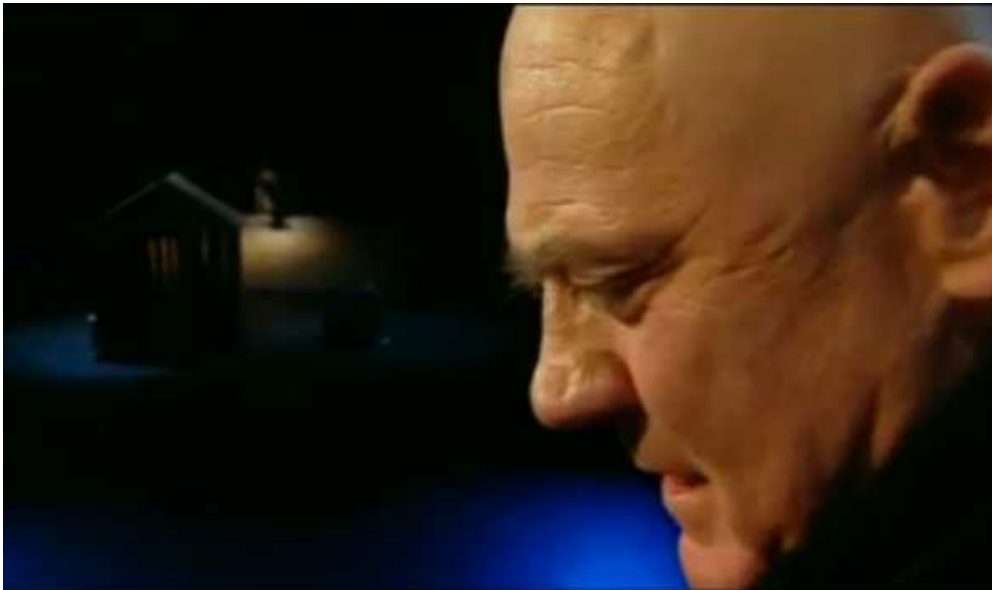


Fausto 2: atos 2, 3 e 4

Evocação de Helena, a pedido do imperador; fuga para o gabinete gótico do Fausto 1, onde Wagner dá vida ao Homúnculo, que leva Fausto para a Grécia antiga, onde se casa com Helena, interage com personagens mitológicos, têm um filho (Euphorion), cuja morte os traz de volta para a “região alta” onde observam uma guerra civil, na qual ajudarão o Imperador.



O Ato 5: o desenvolvimento a qualquer preço



“Região aberta”, onde se passará o quinto e derradeiro ato do drama, o cerne da chamada tragédia do colonizador. Um Fausto já envelhecido se vê inteiramente consumido por extensas obras de drenagem e construção de canais, e de “criação de terras” subtraídas ao oceano, uma “metáfora para a decididamente artificial produção de riquezas ‘naturais’”. Fausto e Mefisto organizam um porto, uma frota e um comércio; a “região aberta” é o lócus da trindade “guerra, comércio e pirataria”, portanto, um polo de desenvolvimento econômico.



Filêmon e Baucis são 2 velhinhos que serão atropelados pelo progresso: Mefisto, tal como grileiro cercado de capangas, se encarrega de liquidá-los.

A morte de um Fausto centenário

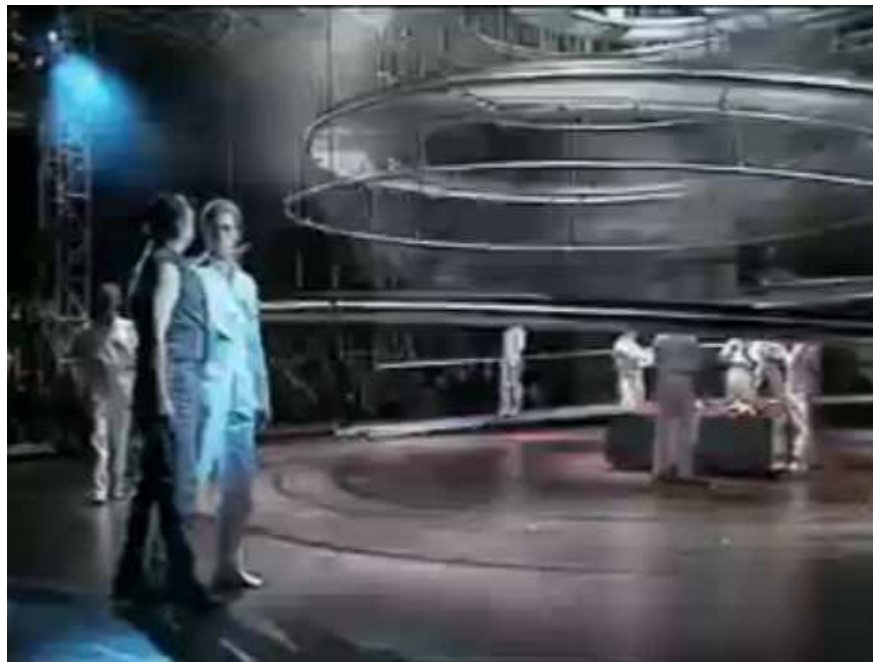
O empreendedor cego prossegue sua marcha sem hesitação, mas não percebe que os Lêmures (figuras mitológicas, espectros de mortos), convocados por Mefisto para fazer escavações próximas ao palácio de Fausto, estão cavando sua sepultura. Julga que prosseguem sua obra abrindo novos canais. E assim, no último monólogo, acreditando que mais um pântano é drenado, Fausto se declara realizado:

FAUSTO: À liberdade e à vida só faz jus,
Quem tem de conquistá-la diariamente,
E assim, passam em luta e em destemor,
Criança, adulto e ancião, seus anos de labor.
Quisera eu ver tal povoamento novo,
E em solo livre ver-me em meio a um livre povo.
Sim, ao Momento então diria:
Oh! para enfim – és tão formoso!
Jamais perecerá, de minha térrea via,
Este vestígio portentoso!

Fausto cai morto e Mefisto quer levar sua alma



A salvação de Fausto: os anjos o resgatam, Mefisto atordoado, a beata Gretchen



Binswanger: Alquimia e Pedra Filosofal – ciência, arte e economia

Em *Psicologia e alquimia*, Jung escreve que *Fausto* de Goethe é “um drama alquímico do começo ao fim”. Nesse registro, a suprema realização, A PEDRA FILOSOFAL, se obtém através do ato de REALIZAR, e F2 trabalha em 3 esferas:

A da ciência é a norma a que tudo pode ser reduzido. A realidade da norma é atemporal, pois a norma é cientificamente verdadeira, isto é, válida para sempre.

A da arte é forma, aquilo que cria imagens a partir da matéria efêmera da experiência que pode ser trazida à vida a qualquer momento. A realidade da arte é atemporal porque o instante no qual ela aparece está fora do tempo.

A da economia é capital-dinheiro, por meio do qual todo o material consumível no mundo pode se transformar em dinheiro. A realidade da economia é atemporal, pois o dinheiro é usado, mas não consumido. Como o tempo não o erode, o homem ganha a possibilidade de transportar o material consumível para o futuro.



Binswanger: o modelo fáustico (mefistofélico) de desenvolvimento

“A obra máxima no campo da economia é a criação de um valor monetário artificial.”

Trata-se da criação de valor por meio de fatores que não são atribuíveis ao esforço humano e não podem, portanto, ser explicados de maneira causal, em termos econômicos. É por isso uma criação de valor que se baseia na bruxaria ou na magia. Já estabelecemos as forças mágicas que Goethe vê aqui em ação. De maneira crucial, porém, elas só alcançam seu efeito mágico se operam juntas. Essas forças são:

- a imaginação, que torna possível a transformação de valores minerais enterrados em (papel) moeda (isso cria a ideia de lastrear o papel-moeda com o ouro enterrado);
- a impressão produzida pelo poder do Estado, que legitima a moeda (de papel);
- as paixões humanas associadas à conquista da propriedade (violência, cobiça e avareza);
- a expansão da esfera de movimento do homem por meio do transporte (a multiplicação da velocidade), comércio;
- a expansão das forças de produção mediante energia não humana (a multiplicação do trabalho); o poder da invenção e do progresso tecnológico.

**MAS NÃO HÁ NADA DE MÁGICO (ALQUÍMICO) NESSE MODELO !
É a alquimia “por outros meios”.**

Mefisto é o dinheiro: o “acelerador da experiência”

Mefisto pouco tem de diabólico ou de mágico no Fausto 2. Parece mais um ajudante ou um facilitador.

Mefistófeles torna-se o mediador ideal entre as esferas do simbólico e do real, perfeito no papel de inventor do papel moeda, pois, ele próprio, é a encarnação dos meios, o personagem “que funciona como moeda simbólica, o dinheiro que tem a capacidade de satisfazer todas as necessidades em abstrato”.

Entretanto, a ideia que o papel moeda (e outras criaturas financeiras assemelhadas) é “artificial”, “mágica” ou mesmo fraude, era muito popular na época, e ainda hoje !!!



John Law – 1715-20 – o inventor



John Law protagonizou o primeiro e talvez um dos mais espetaculares episódios de euforia e crise financeira de que se tem notícia.

Foi aí que pela primeira vez se ouviu a ideia de que a garantia para a promessa de pagamento representada pelo papel-moeda, poderia ser o patrimônio imobiliário do rei. Esta foi a ideia revolucionária que Law conseguiu aplicar na França, sob o patrocínio do duque de Orléans, que ocupava a regência com a morte de Luís XIV em 1715.



O Banque Royale foi se firmando como um banco de Estado, tendo o próprio regente como sócio. Euforia, pânico e catástrofe financeira seguiram-se rapidamente.

Law morreu em 1729, aos 58 anos, vinte anos antes de Goethe nascer.

Os Assignats – 1790-93



Logo depois da Revolução Francesa, o debate sobre a emissão de papel-moeda inconversível assumiu enormes proporções na Assembleia Nacional, no decorrer de 1790. Talvez a primeira ocasião em que o tema não era suscitado por um rei em dificuldades, mas por um parlamento repleto de demagogos e oportunistas.

“A nação francesa tinha se tornado iluminada”, que a administração dos novos papéis seria feita por “patriotas”, e que os *assignats* “seriam mais bem garantidos do que se fossem resgatáveis em ouro”, pois esse “papel-moeda francês representaria a primeira e mais real de todas as propriedades, a fonte de toda produção, a terra.” (Mirabeau)

No começo, tratava-se de emitir títulos a 5%, em grandes denominações, que poderiam ser utilizados para a aquisição dos bens e terras tomadas à Igreja (*biens nationaux*). Porém, depois de setembro de 1790 a Assembleia Nacional aprovou (508 votos contra 423) emissão absurda de *assignats* em pequenas denominações, logo transformada em catástrofe, que ampliou e foi ampliada pela confusão política.

O veredito sobre o progresso, como tragédia ou ilusão

A interpretação convencional (pessimista e politicamente correta) sobre o desfecho da tragédia traz consigo um julgamento ruim sobre a viabilidade dos projetos de desenvolvimento de Fausto.

O Fausto empresário é apresentado como “fracassado” – e seus planos seriam “utópicos”; de tal sorte que o desfecho trágico se torna inevitável, quer objetivamente, pelos resultados dos projetos, quer em razão dos cadáveres deixados pelo caminho.

Nesse contexto, Fausto morria duplamente iludido em sua cegueira:

- de um lado, ao contrário do que dizia no monólogo final, o destino de seus investimentos e o futuro de seu “livre povo” parecem funestos;
- de outro, ele se apresenta destituído de culpa ou de passivos decorrentes de seus crimes, como integrante de um processo impessoal e coletivo de desenvolvimento.

Será mesmo ? O que realmente aconteceu ?

Fausto, Goethe e o progresso das nações: outra interpretação

Goethe não está postulando a inevitabilidade da catástrofe, talvez pelo contrário, parece claro que a tragédia do progresso *não está em que ele não se realiza*: a tragédia se organiza *através do seu êxito*, do alastramento do ideal fáustico por todo o planeta.

Fausto é a tragédia do desenvolvimento *bem-sucedido*, e para cujo sucesso tenham sido empregados *métodos questionáveis* e até pior: esse métodos, mesmo quando envolvendo crimes e meios diabólicos, *serão absolvidos*.

“Brasília, erigida num esforço titânico em pouquíssimo tempo ... poderia ter sido construída por Fausto, uma vez que não está distante de seu ideal desenvolvimentista, não seria estranha ao seu projeto colonizatório.” (Michael Jaeger)





O papel moeda e o pacto fáustico

É preciso não esquecer que o *papel-moeda de curso forçado, destituído de qualquer valor intrínseco, ou mesmo de promessas de seus Estados emissores quanto à manutenção de seu poder de compra, se tornou a forma vencedora de organização dos sistemas monetários da atualidade.*

Essa era uma vitória das convenções e dos símbolos criados pelo homem sobre as imposições da natureza.

Para a maior parte do planeta, incluindo o Brasil, os anos entre 1929 e 1933 assinalaram o colapso do padrão-ouro e a migração para o papel moeda. De novo, diversos governantes mundo afora viam-se diante de grandes poderes discricionários para gerir a moeda sobretudo para atingir seus objetivos de desenvolvimento.



Nosso pacto fáustico e seus custos

O desenvolvimento é redentor, mas há de ter limites, que Fausto testou ao longo de toda a tragédia.

CUSTOS HUMANOS: É curioso que o assassinato de Filêmon e Baucis seja tão mais chocante e lamentado que o destino de Gretchen, também provocado por Fausto, e bastante mais cruel. As mortes ideológicas assombram muito mais o imaginário politicamente correto, talvez e sobretudo pelo fato de que serão perdoadas pela própria lógica que as determina.

CUSTOS SOCIAIS: A prosperidade material *pode* perfeitamente ter sido produzida por tirania, desigualdade, exploração do trabalho, escravidão, pilhagem, devastação ambiental ou pela inflação. O desenvolvimentismo brasileiro nasce com o papel moeda; assim construímos Brasília, mas, exageramos com a mágica, chegamos à hiperinflação.

Alemanha 1923 = Brasil 1986 Em ambos os casos, carrinhos cheios de nada.

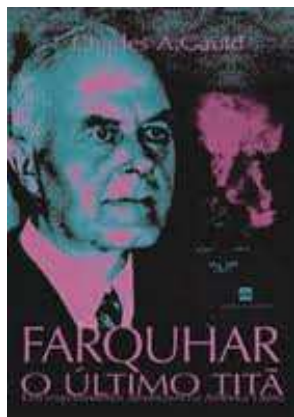


Fausto na terra do “homem cordial”: o pacto tem a ver com o público e o privado

“O protótipo do indivíduo moderno, ... de quem Fausto pode ser visto como representante, não é o indivíduo representativo da cultura latino-americana”. Em vez do “homem fáustico” de Spengler, no Brasil reina o “homem cordial” de Sergio Buarque de Hollanda, incapaz de aceitar regras sociais objetivas, apegado ao ócio, movido pela afetividade numa sociedade hierarquizada e organizada sobre a troca de favores.

Fausto é um transtorno nessa sociedade preguiçosa.

Marshall Berman, por outro caminho, talvez tenha solucionado o paradoxo ; ele emprega o termo “modelo fáustico de desenvolvimento” para designar “uma nova síntese histórica entre poder público e poder privado, simbolizada na união de Mefistófeles, o pirata e predador privado, que executa a maior parte do trabalho sujo, e Fausto, o administrador público, que concebe e dirige o trabalho como um todo”. (ou vice versa!)



Nossa tragédia

A tragédia do desenvolvimento brasileiro reside no fato de o sucesso econômico ter absolvido os colonizadores e os escravocratas (na verdade, indenizamos os proprietários de escravos pela “desapropriação” de seu “ativo”), bem como os responsáveis pela desigualdade e pela hiperinflação (males modernos, impessoais, dos quais não conseguimos sequer nomear os culpados).

Exemplo: quem é o responsável pela hiperinflação no Brasil?

E, genericamente, nos acostumamos com as atitudes benevolentes diante do político que “rouba mas faz”. Quem liga para escândalos, se a economia vai bem?

Como se as “perdas socializadas” não tivessem autoria nem destinatário, e apenas se acrescentassem à entropia do país.

Esta é a nossa tragédia.

